

Turismo Rural nos Açores dispara para mais de 2 mil camas

A Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, Berta Cabral, congratulou-se, na ilha de São Jorge, com o facto de, em 2024, os Açores terem ultrapassado pela primeira vez na história as 4,2 milhões de dormidas e os 187 milhões de euros nas receitas totais da hotelaria.

Berta Cabral falava, em representação do Presidente do Governo dos Açores, na sessão de encerramento do Encontro das Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural, subordinado ao tema “Não perca o Rumo”, e que se realizou no Museu Franciso Lacerda, na Calheta.

A governante considerou o encontro como “uma oportunidade para se fazer um justo reconhecimento ao papel muito especial do Turismo em Espaço Rural (TER) para o alojamento turístico nos Açores”, que “é uma componente essencial da oferta turística do arquipélago, promovendo um contacto autêntico e sustentável entre os visitantes e a identidade rural das ilhas”.

Sublinhando que 2024 “foi um verdadeiro ano de Ouro no turismo dos Açores, porque este setor já representa cerca de mil milhões de euros na economia (20% do VAB, 17%



do emprego e 17% do PIB)”, Berta Cabral adiantou que “no Turismo em Espaço Rural, fechou-se o ano com 244 estabelecimentos licenciados, representando um total de 2.003 camas – isso significou um crescimento de 14% no número de camas”.

“É um crescimento significativo, sobretudo se considerarmos a dinâmica que existe em todo o setor do alojamento turístico, particularmente visível no Alojamento Local, cujo crescimento demonstra bem a capacidade com-

petitiva desta tipologia de alojamento e da sua capacidade de criação de valor acrescentado”, disse.

Em 2024, o TER representou cerca de 186.396 dormidas, ou seja, mais de 25% face a 2023 e superior ao do Alojamento Local (17,3%) e ao da Hotelaria Tradicional (7,9%).

Neste caso em particular, Berta Cabral destacou o facto de mais de 83% destas dormidas terem sido de hóspedes estrangeiros.

“É a demonstração inequívoca do forte apelo do Turismo em Espaço Rural no mercado internacional e do potencial latente para cativar mercados com maior poder de compra, criando riqueza e valor acrescentado. Excetuando o Corvo, todas as ilhas do arquipélago oferecem esta tipologia de alojamento, valorizando cada uma das nossas parcelas de território e potenciando a disseminação das receitas geradas”, frisou.

Na sua opinião, O TER “é uma oportunidade de negócio, abrindo horizontes a novos empreendedores, a investimentos diferenciadores e à criação de postos de trabalho”, além do que é uma forma de “diversificar as fontes de rendimentos dos agricultores, através do agrotur-

ismo, e de alavancar o rendimento da atividade agrícola, para fornecimento das unidades de alojamento”.

Berta Cabral defendeu que “a ruralidade dos Açores é um dos maiores ativos identitários da Região”, encontrando no TER “um veículo único para a sua valorização”, sobretudo pelo atendimento personalizado que cria um ambiente acolhedor e autêntico, representando mesmo “uma oportunidade para valorizar o património natural e cultural, descentralizar o turismo das grandes cidades e proporcionar novas fontes de rendimento para as comunidades locais”.

“Da mesma forma que ligamos o TER ao conceito da ruralidade, com a mesma facilidade o fazemos ligando ao conceito da sustentabilidade. Nos Açores, a sustentabilidade não é apenas um conceito, mas sim um compromisso”, acentuou.

Para a Secretária Regional da tutela, “a utilização de energias renováveis nos alojamentos rurais, a redução do desperdício, o uso de produtos locais e a proteção das paisagens naturais são apenas algumas das medidas que se devem continuar a incentivar”.

Os pioneiros do turismo rural e de natureza



POR GILBERTO VIEIRA*

Obrigado a todos pela vossa presença neste encontro que visa debater e cimentar ideias para continuar a afirmação do turismo rural nos Açores, como peça-chave da nossa oferta, já de si, diferenciada, permitam-me que use uma pequena história, que, vou de seguida, entre aspas, plagiar, adaptando ao assunto que aqui nos traz.

Conta-se, com fontes credíveis, que há cerca de um século um senhor padre oriundo dos Altares ilha Terceira era tão famoso pela eloquência das suas homilias que um dia foi convidado para pregar na Sé Catedral de Lisboa perante o povo e altos dignitários da igreja portuguesa, incluindo o Cardeal Patriarca.

O sacerdote começou o seu sermão dizendo: “Maldito seja o Pai, maldito seja o Filho e Maldito seja o Espírito Santo”. E, fez uma pausa estratégica, enquanto toda a assistência ficava com os cabelos em pé e se ouvia um burburinho de desconforto.

Padre Rocha, acho eu que era o nome dele, deixou passar esse momento e continuou:

“Isto dizem os hereges, eu cá digo bendito seja o Pai, bendito seja o Filho e Bendito seja o Espírito Santo”.

De alguma forma, plagiando, como já atrás referi, enquadrando na essência deste nosso encontro, mais um contributo para o desenvolvimento do turismo no arquipélago, apeteceu-me dizer-vos:

Maldita seja esta terra, malditas sejam as suas paisagens, malditas sejam as suas gentes.

Dizem os Velhos do Restelo, os falsos profetas da nossa desgraça.

Sem qualquer pausa, eu digo: bendita seja esta terra e tudo o que a natureza nos legou, do mar às serras; benditos os que acreditam nas suas potencialidades, e assumem o desígnio de preservar este maná que não tem dono nem preço; bendito seja este povo, que, de forma franca e desinteressada, faz gala em saber receber e partilha as suas experiências e rasga novos horizontes, nessa comunhão com outras culturas.

Aqui chegados, vamos assumir algum pragmatismo.

Quando inicie o meu percurso nesta aventura, acreditava plenamente que esse seria o futuro do turismo nos Açores. Não só pela minha convicção, mas por, na minha função de agente de viagens até então, ser confrontado por inúmeros dos poucos turistas que visitavam os Açores e particularmente a ilha Terceira sobre a existência de alojamentos, espaços gastronómicos e de convívio espontâneo com pacatas e interessadas populações que tornariam a experiência de uma permanência nas ilhas, inolvidável.

Percebi o potencial, arrisquei, mas tive logo a noção de que uma gota não faz o oceano.

Por isso, não tive dúvidas em perceber que todo esse potencial estava espalhado por todas as ilhas e que, era necessário encontrar gente, em todas elas, que acreditassem que este era o cami-

nho para uma oferta diferenciada, com poder de atração por pessoas interessadas em experiências únicas.

Levou algum tempo até assimilar algumas sinergias, poucas devo dizer, mas verdadeiramente empenhadas. A esses, chamo, sem qualquer pejo, os pioneiros do turismo rural e de natureza nos Açores.

Felizmente esses exemplos frutificaram, e muita gente foi aparecendo com novos e inovadores projetos.

A certa altura, sentimos todos, que era necessário juntar todas essas sinergias para criar uma força que defendesse os princípios de qualidade, autenticidade, bem receber, que resultou na fundação das Casas Açorianas.

Falando em causa própria, não tenho nenhuma dúvida em afirmar que, na forma e no conteúdo, com altos e baixos como é natural, construímos uma associação, que é referência, hoje, no panorama da atividade turística nos Açores, um reconhecimento que é público e notório, sendo até distinguido com galardões regionais, nacionais e internacionais.

Quero dizer, que, até agora mantivemos um rumo. Não isento de percalços, alguns erros, mas no essencial objetivo e a paixão que nos move.

Há cerca de duas dezenas de anos estivemos reunidos neste mesmo espaço, a debater o tema Turismo nos Açores – que rumo? Hoje, passadas tantas experiências tanta aquisição de conhecimentos tanta vontade de consolidar o turismo rural na Região como parceiro principal, vimos aqui propor uma discussão subordinada ao tema “Não perca o Rumo”.

*Presidente da Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural. Texto lido na sessão de abertura do Encontro das Casas Açorianas, que decorreu no fim de semana em S. Jorge